

O MODO DE VIDA TRADICIONAL COMO ARENA PARA O ESTUDO DA POLIDEZ NA CONVERSAÇÃO

THE TRADITIONAL LIFE MODE AS A SAND FOR THE POLISHING STUDY IN CONVERSATION

Cristiane Dominiqi Vieira Burlamaqui¹

Resumo: Aqui trataremos da cortesia verbal em uma interação formal face a face em que as peculiaridades culturais não são apenas o objeto da interação – o tópico conversacional –, mas, também, deixam suas marcas nas estratégias discursivas utilizadas na manutenção da polidez durante a conversação. Goffman (2011) descreve como os interlocutores agem para manter uma imagem social positiva – a face –, a qual, segundo Brown e Levinson (1987), dependerá de atos que mantenham preservadas as dimensões sociais e subjetivas dos interlocutores considerando que a interação seja um ato potencialmente ameaçador dessas faces. Diante de tais perspectivas, identificamos no *corpus* condutas verbais que garantem relações de crescente proximidade e familiaridade, características que serão visitadas por meio das estratégias discursivas usadas pelos interlocutores durante a entrevista.

Palavras-chave: Cortesia. Polidez. Análise da Conversação. Variação Cultural.

Abstract: Here we will deal with verbal courtesy in a formal face-to-face interaction in which cultural peculiarities are not only the object of interaction - the conversational topic - but also leave their marks on the discursive strategies used to maintain politeness during the conversation. Goffman (2011) describes how the interlocutors act to maintain a positive social image - the face - which, according to Brown and Levinson (1987), will depend on acts that preserve the social and subjective dimensions of the interlocutors considering that the interaction is a Potentially threatening act of these faces. In face of such perspectives, we identify in the corpus verbal conduits that guarantee relations of increasing proximity and familiarity, characteristics that will be visited through the discursive strategies used by the interlocutors during the interview.

Keywords: Courtesy. Politeness. Conversation Analysis. Cultural Variation.

INTRODUÇÃO

O *corpus* selecionado para este trabalho é uma entrevista realizada em março de 2016, que teve como objetivo o registro do processo de transmissão oral de conhecimentos ancestrais de sujeitos imersos em um modo de vida tradicional. Este processo oral de transmissão de saberes, segundo Diegues (2008), caracteriza marcadamente uma peculiaridade do modo de vida das populações que mantêm com a floresta uma relação

¹ Professora Assistente II da Universidade do Estado do Pará, Mestre em Linguística pela UFPA, Doutoranda do Programa de Pós-graduação de Filologia e Língua Portuguesa da USP, pesquisadora do Grupo de Estudos do Discurso – USP, do GELPEA – UEPA e do LATEC – UFRJ. E-mail: crisburla@usp.br

simbiótica para reprodução de sua vida social, como aquelas que vivem na Amazônia paraense.

A entrevista² realizada com um casal de camponeses permitiu identificar os fragmentos daquele modo de vida materializados na superfície discursiva, e, neste trabalho – que terá como pedra angular os pressupostos teóricos e metodológicos presentes na Análise da Conversação e na Sociolinguística Interacional – buscaremos identificar as “normas, convenções e princípios gerais que presidem a interação pela linguagem em dada cultura, em dada sociedade” (VILLAÇA e BENTES, 2008, p. 29), isto é, a polidez.

Villaça e Bentes (2008), em seu estudo intitulado “Aspectos da cortesia na interação face a face”, artigo que compõe a coletânea organizada por Dino Preti em torno do tema da Cortesia Verbal, distinguem a cortesia da polidez caracterizando a primeira como aquela que diz respeito ao comportamento, uma tomada de atitude que diferenciam uns dos outros e por isso estaria ligada às instâncias subjetivas da interação, enquanto a polidez, por sua vez, estaria relacionada às convenções e normas conversacionais do grupo social, e por isso integra as condutas verbais da coletividade no âmbito de uma dada cultura. Apesar de estar ciente que tal distinção, no tratamento da cortesia verbal nas interações, tem relativa ou baixa relevância para a maioria das pesquisas na área, sua admissão no contexto³ deste trabalho se justifica pelo fato de nosso foco estar voltado às estratégias de polidez utilizadas entre interlocutores oriundos de culturas que apresentam peculiaridades para a manutenção da cortesia durante uma interação formal. Nesse sentido, as instâncias coletivas da polidez em relação à subjetiva da cortesia, terá uma importância distintiva na apreensão das estratégias discursivas presentes no *corpus*.

Diante de tal problemática, admitimos a acepção de Goffman (2011), sociólogo reconhecido como um dos principais teóricos da interação, o qual considera que a polidez integra os rituais de interação, contexto em que interlocutores envolvidos em uma interação social mantêm um padrão de atos verbais, o qual chama de **linha**, e que estes padrões refletem a imagem, isto é, a **fachada** ou **face** – o valor social positivo – reivindicado a si mesmo, pelo interlocutor, durante a interação.

² A entrevista tem duração de dez minutos e teve como suporte tecnológico para seu registro o gravador do celular. Foi realizada no dia 27/03/2016, na casa dos informantes, um casal de pequenos produtores rurais, a qual está localizada em uma comunidade rural distante a 65,5Km de Belém, capital do estado do Pará.

³ Partimos da acepção de que contexto seja mais do que o como lugar ou espaço em que ocorre um evento, mas o conjunto de representações que os interlocutores constroem a respeito de um dado evento (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006).

De acordo com o fluxo das considerações iniciais por hora delineadas, localizamos nossa análise nas estratégias discursivas de polidez usadas pelos três interlocutores⁴ durante a entrevista – *corpus* deste trabalho –, para a manutenção da cortesia durante a interação e preservação das faces.

Contudo, tendo como referência o sistema criado por Brown e Levinson, Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 77), define polidez como “todos os aspectos do discurso que são regidos por regras, cuja função é preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal”, tais regras estão condicionadas a aspectos culturais e contextuais, os quais devem ser considerados em uma análise sobre cortesia verbal.

Se por um lado a polidez tem seu caráter universal, por estar pautada em regras sociais que visam manter o ar harmonioso durante as interações face a face, por sua vez, vale destacar que “esse fenômeno universal apresenta aspectos bastante diferentes, segundo as culturas e as sociedades” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1996, p. 102).

No intuito de verificar as estratégias de polidez em uma interação marcada pela interculturalidade, este trabalho foi organizado de maneira que, inicialmente, será apresentado o contexto teórico da pesquisa tendo como base os estudos no campo da Análise da Conversação e da Sociolinguística Interacional presentes, principalmente, nos trabalhos de Goffman, Brown e Levinson e Kerbrat-Orecchioni, os quais se debruçam sobre temas como: os rituais de interação verbal, a descrição do sistema de polidez verbal e de alguns aspectos voltado à variação cultural na interação. Para o tratamento do *corpus*, com base nos pressupostos teóricos antes descritos, utilizaremos uma abordagem contrastiva do funcionamento das conversações (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006), identificando as estratégias discursivas como regras não universais que variam em função das diferenças advindas do âmbito sociocultural. Para tal, consideraremos os aspectos apontados por Brait (2010) como indispensáveis na análise do processo interacional: o contexto de interlocução (situação), o perfil dos participantes da interação e as estratégias usadas durante o diálogo.

Desse modo, pretendemos pontuar algumas características que podem servir de índice distintivo entre culturas e, paralelamente, descrever as estratégias discursivas usadas pelos interlocutores durante uma interação formal – uma entrevista de cunho científico. Por meio do procedimento acima descrito, a sugestão de Kerbrat-Orecchioni no emprego de uma abordagem contrastiva do funcionamento da conversação, ressalta as potenciais distinções

⁴ Documentadora (Doc) – sexo feminino, 40 anos de idade, paraense, professora universitária; a informante 1 (L1) – sexo feminino, 42 anos de idade, paraense, pequena produtora rural – e o informante 2 (L2) – sexo masculino, 50 anos de idade, paraense, pequeno produtor rural.

advindas das diferenças culturais na maneira de preservar as assimetrias horizontais ou verticais (distanciamento e falta de familiaridade) marcadas na interlocução. Três interlocutores integram o *corpus*, a documentadora que reside em um espaço caracteristicamente urbano-industrial, e os dois locutores, um casal de camponeses, os quais residem em uma vila rural, isolada dos centros urbanos pela distância, mas, principalmente, pela precariedade dos transportes públicos oferecidos para a comunidade local.

Segundo Diegues (2006), em comunidades como a que residem os dois locutores, uma característica marcante das relações interpessoais ali mantidas é o parentesco e o compadrio, isto é, trata-se de um índice de extrema proximidade que pode servir para apumar potenciais constrangimentos causados pelo distanciamento sociocultural, e, por sua vez, forjar estratégias verbais peculiares a serem usadas na manutenção de uma interação cortês.

1. A Cortesia Verbal como Estratégia de Preservação da Face de Interlocutores no Contexto da Variação Cultural

Ao descrever a interação social como um conjunto de elementos organizados por rituais que são definidos socialmente, isto é, as regras presentes no grupo social, Goffman (2011) aponta para universais de interação que acabam impondo aos participantes de uma interação determinados comportamentos pré-definidos como socialmente e, por sua vez, contextualmente aceitos ou recusados: “A linha mantida pôr e para a pessoa durante o contato com outros tende a ser de um tipo institucionalizado legítimo” (GOFFMAN, 2011, p. 15).

Sobre a linha como o padrão de atos verbais e não verbais que pautam as opiniões durante a interação face a face, Goffman afirma que nos rituais de interação há uma preocupação tácita pela manutenção de uma imagem positiva, isto é, uma imagem socialmente aceita pelo grupo. Esta imagem positiva construída sócio-interacionalmente – a face –, ao mesmo tempo em que depõe a seu favor para aceitação pelo grupo, também dispõe para o bem estar consigo mesmo diante do outro, o que promove sentimentos de autoconfiança e convicção.

Desta maneira, o processo de manutenção de uma fachada positiva requer estratégias de polidez negociáveis entre os interlocutores no uso da linguagem. Foi a partir dos estudos de Goffman no campo da Sociolinguística Interacional, que Brown e Levinson (1987) utilizaram os conceitos de face positiva e face negativa – respectivamente, o conjunto de imagens socialmente valorizadas que os interlocutores requerem a si próprio e o “território do eu” no qual os interlocutores tendem a preservar sob seu cuidado – para criar um sistema de

universais que descrevem os atos que possam vir a ameaçar as faces positiva e negativa – a *Face Threatening Act* (FTA) –, os quais foram dispostos em quatro categorias: atos que ameaçam a face positiva e/ou a negativa do emissor (diz respeito aos atos autoameaçadores) e os atos que ameaçam a face positiva e/ou negativa do receptor (concernentes à polidez, isto é, a atitude do falante com o seu interlocutor).

Contudo, Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 79) chama atenção para o fato de “que um mesmo ato [ameaçador da face positiva ou negativa - FTA] pode se inscrever simultaneamente em diversas categorias (mas, geralmente, com um valor dominante)”. Ainda utilizando como referência as categorias disponibilizadas por Brown e Levinson e, por simbiose, de Goffman, Kerbrat-Orecchioni passa a apresentar as noções de *face want* (potencial ameaça da face durante a interação), e a noção de *face work*⁵ (o desejo mútuo de preservação das faces diante da potencial ameaça presente durante a interação), para tratar das estratégias de polidez como meio conciliador para preservação da face positiva e negativa dos interlocutores no momento da interação.

Goffman (2011, p. 20), ao tratar de *face work*, introduz o conceito de **aprumo**, o qual é descrito como um tipo importante de preservação da fachada, “pois através do aprumo a pessoa controla o seu constrangimento e, assim, o constrangimento que ela e outros poderiam sofrer por causa do seu constrangimento”.

Por sua vez, Brown e Levinson (1987), dispõem as estratégias de polidez em um inventário das possíveis escolhas efetuadas e consideram três fatores para a escolha da estratégia: o grau de gravidade dos FTA; a distância social entre os interlocutores e a relações de poder estabelecidas pelo contexto sócio, cultural, político e econômico.

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006) há no modelo de Brown e Levinson um tom demasiadamente pessimista a respeito da interação, o que reduziu a polidez à sua forma negativa, isto é, aos atos ameaçadores e, conseqüentemente, ignora os atos valorizantes das faces, os *Face Flattering Acts* (FFA). Desta maneira, a autora inclui aquele modelo à polidez positiva – de natureza produtiva (presente ou elogio) – em oposição à polidez negativa – de natureza abstencionista ou compensatória (crítica ou ordem) – proposta por Brown e Levinson.

1.1. Manifestações linguísticas da polidez

⁵ Para Goffman (2011, p. 20), a noção de *face work*, isto é, de preservação da fachada “designa as ações tomadas por uma pessoa para tornar o que quer que esteja fazendo consistente com a fachada. A preservação da fachada serve para neutralizar ‘incidentes’ – que dizer, eventos cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a fachada.

É com base nas noções de face positiva e face negativa, de FTA e FFA e de polidez negativa e polidez positiva que Kerbrat-Orecchioni (2006) apresenta as manifestações linguísticas da polidez.

Sobre a polidez negativa, isto é, os atos que evitam ameaçar a face do destinatário (crítica ou recusa, por exemplo), têm-se os suavizadores de natureza paraverbal (voz mansa, sorriso, inclinação lateral da cabeça, etc.) e/ou verbais (que acompanham as interpelações ou refutações), que podem ser definidos como procedimentos substitutivos (modalizadores que substituem formas imperativas, ou, ainda, os desatualizadores modais, temporais ou pessoais, por exemplo) ou acompanhantes/subsidiários (inclusão de uma fórmula especializada na suavização de um FTA: “por favor”, “se for possível” etc.).

A respeito da polidez positiva manifestada linguisticamente, a autora a define como um ato essencialmente antiameaçador para seu destinatário, como, por exemplo, o convite, o elogio, agradecimento, etc. Desta forma, Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 91) afirma que enquanto os “FTAs têm, geralmente, a tendência de ser minimizados na sua verbalização, os FFAs se prestam, ao contrário e de bom grado, à formulação intensiva” e, em alguns casos, de maneira superlativa, isto é, há uma tendência à litotização dos enunciados impolidos e a hiperbolização dos enunciados polidos.

Outro aspecto que merece especial atenção na polidez é o Balanço, o qual considera os aspectos normativos da polidez, bem como suas leis, noções e funções da polidez. Sobre as normas, há uma máxima universal na qual podemos dizer que os comportamentos impolidos são marcados em relação aos comportamentos polidos, o que pode ser observado na organização preferencial das trocas em que os diferentes tipos de reação não têm o mesmo estatuto nem o mesmo grau de probabilidade: alguns são preferidos (não marcados) e outros são preteridos (ou marcados).

No que respeito à lei da modéstia, a autora afirma que apesar de ter baixo custo cognitivo, encontra compensação nos benefícios psicológicos a serem usufruídos pelos interlocutores durante a interação. Nesse sentido, a estratégia de polidez definida como princípio da modéstia, pretende atenuar a carga social negativa que o autoelogio tem sobre si. Trata-se de um corolário do princípio geral da polidez, no qual jazida a máxima de que para ser polido convém valorizar a face do outro, sacrificando, caso necessário, a sua própria.

Sobre a noção de dupla coerção na polidez, a autora chama atenção às proibições impostas pelo sistema de polidez, o qual nos coloca diante do conflito de interesses que em uma interação face a face estamos dispostos. Nesse sentido, a autora ressalta a função do duplo vínculo (herdada de Bateson, membro do grupo que estudou o interacionismo na

psicologia – Escola de Palo Alto), isto é, o compromisso social em manter o equilíbrio entre a sinceridade e a cortesia, sendo que em algumas situações tornam-se elementos positivos dentro do sistema, pode levar a sinceridade a afetar a harmonia na conversação, aspecto incondicional para a manutenção de uma interação cortês.

Além das manifestações linguísticas de polidez, outro elemento que merece uma atenção especial é a variação cultural, já que neste contexto de pesquisa será indispensável para o bom andamento de nossa análise.

1.2. A variação cultural

Ao considerar a variação cultural como um fator intrínseco a qualquer interação face a face, conseqüentemente tem-se a relativização da universalidade das regras de polidez, já que:

elas variam sensivelmente de uma sociedade para outra – bem como, aliás, no interior de uma mesma sociedade, segundo a idade, o sexo, a origem social ou geográfica dos interlocutores; mas admitiremos que, qualquer que seja a amplitude dessas variações internas a uma mesma ‘comunidade linguística’, é possível, apesar de tudo, depreender certas tendências médias próprias a algumas dessas comunidades e lançar as bases de **uma abordagem contrastiva do funcionamento das conversações** (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 103, grifos da autora).

Essa relativização teve muita produtividade nos estudos etnográficos da comunicação realizados por Gumperz sobre a comunicação intercultural, os quais consideraram que *“a diversidade de sistemas de comunicativos não deve ser encarada apenas nos seus aspectos negativos (problemas de intercompreensão), porque ela desempenha também um papel positivo importante como marcador de identidade do falante, ou na construção da relação interpessoal.”* (KERBART-ORECCHIONNI, 2006, p. 20, grifo da autora).

Desta maneira, ao considerar a diversidade das regras conversacionais como categoria de análise para chegar à natureza das regras de polidez usadas durante a conversação, precisou-se definir um ponto de partida que venha servir como referência para a abordagem contrastiva do funcionamento da conversação.

Nesse sentido, algumas peculiaridades apontadas por Diegues (2006), como característica que distinguem as relações interpessoais mantidas pelas populações ou grupos que têm sua existência pautada no modo de vida tradicional, servirão como ponto de partida para a análise contrastiva do funcionamento da cortesia verbal que aqui nos propomos. Contudo, precisamos, ainda, considerar quais os aspectos presentes na interação que podem

ser definidos como caracterizadores de um comportamento verbal contrastivo advindo da variação cultural.

Kerbrat-Orecchioni (2011) lista uma série de comportamentos que podem vir a ser considerados em uma abordagem contrastiva do funcionamento da cortesia verbal, aqui nos limitaremos àqueles que acreditamos serem os mais produtivos para a análise do *corpus* em questão, são eles: as normas proxêmicas de caráter não verbal e verbal, o sistema de turnos de fala (a minimização da pausa e a sobreposição de falas), e as estratégias de atenuação de possíveis constrangimentos ou atos ameaçadores à face positiva ou negativa dos interlocutores.

2. As Estratégias Discursivas de Polidez para a Manutenção da Cortesia Verbal

Previamente nos sentimos impelidos a traçar algumas considerações introdutórias a respeito de nosso *corpus*. Identificamos o material aqui analisado como uma elocução formal sob o desenho de uma entrevista de caráter científico (existem entrevistas de caráter e naturezas variadas, por exemplo, entrevista de emprego e/ou jornalística, respectivamente, cujo caráter é obter informações sobre o candidato ao emprego e conseguir a opinião do entrevistado a respeito de algum tema). A característica e a formalidade desta entrevista científica são garantidas, sobretudo, por sua linha exploratória, a definição de um método e uma abordagem. Nesse caso, as perguntas elaboradas *in loco* foram orientadas por um protocolo de pesquisa, o qual definiu previamente a abordagem, os objetivos, o tópico conversacional⁶, as possíveis variáveis, algumas estratégias para chegar às respostas desejadas, o tempo máximo da entrevista, o perfil desejável para o informante, o ambiente adequado para conseguir os dados requeridos e uma amostra.

Para definir a abordagem, o perfil dos informantes, os objetivos e as variáveis, lançamos mão dos paradigmas propostos pela pesquisa no campo do Eco-socialismo⁷, o qual serviu de referência para o entendimento do funcionamento da reprodução da vida humana em comunidades tradicionais indígenas e não-indígenas (camponesas). Para esse campo, a reprodução da vida social está instaurada na relação inalienável entre o homem e a natureza, sendo esta o resultado de um processo sócio-histórico que só é possível de ser apreendido se considerado como inacabado (DIEGUES, 2008).

⁶ Tópico conversacional ou discursivo é “aquilo acerca do que se está falando” (BROWN e YULE, 1983, p. 73)

⁷ Segundo Diegues (2008), o eco-marxismo surgiu na década de 60 e se funda na crítica ao marxismo clássico, o qual define a relação entre o homem e a natureza como resultado de forças produtivas em que o homem, por meio do processo de trabalho, lança mão da natureza como meio de produção ou como objeto de consumo.

A partir desta perspectiva, Diegues (2008, p. 89-90) pontua que o modo de vida tradicional tem características que o diferenciam do modo de vida urbano-industrial, dentre as quais destacamos: a) o fato do conhecimento ser transferido, preferencialmente, de geração em geração pela oralidade; b) há dependência e simbiose com a natureza e com seus ciclos naturais, os quais se refletem na elaboração de estratégias de uso e manejo dos recursos naturais; c) **a noção de território ou espaço em que o grupo social se reproduz socioeconomicamente é marca de sua peculiaridade: a moradia e a ocupação do território se dão por várias gerações**; d) a atividade produtiva tem seu foco na subsistência e o seu excedente é comercializado localmente para obtenção de bens de primeira necessidade; e) há reduzida acumulação de capital; f) **a unidade familiar, doméstica ou comunal é pautada nas relações interpessoais de parentesco e compadrio, as quais se refletem no exercício das atividades econômicas, sociais e culturais**; g) a importância dada às simbologias, mitos e rituais estão associadas à caça, pesca e às atividades extrativistas; h) a tecnologia usada é simples e de baixo impacto ambiental sobressaindo-se as técnicas artesanais, as quais os membros dominam todo o processo de trabalho até seu produto final; i) fraco poder político e a auto identificação, ou identificação por terceiros, de pertencer a uma cultura distinta das outras.

Tais características produzem uma série de peculiaridades que estão refletidas nas maneiras que os indivíduos imersos nesse modo de vida estabelecem suas relações interpessoais, tanto no que diz respeito às relações horizontais, quanto as verticais. Diante deste cenário, pode-se inferir que, possivelmente, em contextos sociais distensos ou informais, em que as interações se dão de forma espontânea, isto é, sem um planejamento prévio, a probabilidade das características socioculturais acima destacadas virem a se tornar um elemento agregador, ou, ao inverso, um fator gerador de conflitos de interesses, varie em 50% para cada probabilidade. Porém, no contexto de uma entrevista de caráter científico é imprescindível a manutenção de um inter-relacionamento o mais colaborativo possível, a polidez para a obtenção de um ambiente cordial e de interpenetração informativa é considerada fundamental, pois é capaz de quebrar os isolamentos grupais, ao atenuar as tensões causadas por possíveis desacordos, e, também, preservar as faces dos interlocutores (GOFFMAN, 2011). É diante de tais constatações que passamos às nossas considerações a respeito da entrevista: o contexto e o perfil dos informantes.

2.1. Apresentação do contexto e do perfil dos informantes: a negociação prévia da linha

A entrevista foi viabilizada por um colega pesquisador que trabalhou em projetos da ONU em áreas indígenas, e que mantém um sítio na Vila de Apeú. Tão logo soube do tipo de pesquisa que iria iniciar, este colega que tem experiência em pesquisas etnográficas, identificou na comunidade e em seus vizinhos o perfil que procurávamos para obtenção dos dados pretendidos. Não tardou para que o encontro fosse arranjado, e, passados três semanas de nossa conversa, lá estávamos sentados frente a frente ao casal de pequenos agricultores, casados há vinte e quatro anos, com três filhos, ela com quarenta e dois anos de idade (Informante 1) e ele com cinquenta anos (Informante 2), ambos analfabetos e moradores daquela localidade rural há dezoito anos.

A entrevista foi realizada no dia 27/03/2016 e teve a duração total de dez minutos, mas para compor o corpus deste trabalho serão utilizados somente quatro minutos de transcrição⁸ da entrevista. A interlocução ocorreu na residência do casal, localizada na comunidade rural de Santa Terezinha, na Vila de Apeú, distrito do município de Castanhal, distante 65 km de Belém, capital do estado do Pará. O casal e toda a sua família é natural do município de Castanhal, de uma comunidade rural-urbana, e vivem há gerações da agricultura familiar. No que diz respeito à sua escolaridade informaram que não tiveram acesso à educação formal e são analfabetos, porém os filhos, que até aquele momento mantinham-se matriculados na escola, são ali conservados graças ao auxílio do governo, que por meio do programa Bolsa Família tem garantindo uma renda mínima e, por sua vez, a consequente continuidade de seus estudos, já que o acesso à cultura escrita não é uma prioridade para a reprodução da vida social no interior daquele grupo.

Sobre o corpus, como já dito anteriormente, a entrevista caracteriza-se por ser uma elocução formal que ocorre em torno de um tópico discursivo previamente negociado: o processo de produção artesanal de farinha de mandioca; o qual é retomado pela documentadora algumas vezes durante a conversação. Trata-se de uma interlocução marcada por relativo distanciamento cultural e a assimetria nos turnos, caracterizada pelo fato da documentadora ditar o percurso da interlocução, mantendo sob seu controle os tópicos e, por sua vez, o andamento dos temas a serem desenvolvidos. Apesar do controle sobre o tópico conversacional, o fato de a entrevista ter ocorrido em um ambiente familiar aos informantes, a sua residência, coloca os dois informantes em uma situação de igualdade, o que impacta na relativa duração simétrica dos turnos interacionais, já que L1 e L2 tornam-se corresponsáveis

⁸ Para a transcrição da entrevista foram empregadas as normas de adequação de transcrição usadas pelo projeto NURC.

pelo bom andamento da interlocução e compartilham o desejo de manter uma interação verbal o mais colaborativa possível.

Destacamos, ainda, que antes de iniciarmos a entrevista houve um momento de descontração e de familiarização entre os interlocutores. O casal ofereceu café e biju⁹ e conversamos sobre o propósito da entrevista e como ela ocorreria. Podemos considerar este contato inicial, como o contrato social que compõe o ritual de interação, o qual pode ser aqui definido como o momento crucial para a negociação das linhas, que segundo Goffman (2011, 19), incorre na “aceitação mútua de linhas [e] tem um efeito conservador importante sobre os encontros. Quando uma pessoa apresenta uma linha inicial, ela e as outras tendem a construir suas respostas posteriores a partir dela e, num certo sentido, ficam presas a ela”. A manutenção das linhas é garantia da preservação das faces positivas e negativas, as quais se tornam condição da interação e não seu objetivo.

Diante de tais considerações, identificamos, desde já, uma característica marcante das relações interpessoais mantidas pelos informantes, os quais se encontram imersos no modo de vida tradicional: a intensa preocupação em manter a proximidade e familiaridade sustenta um alto índice de engajamento e, por sua vez, elevado padrão colaborativa. No modo de vida camponês, as relações são previamente negociadas por meio de cortesias não marcadas verbalmente: minimamente é oferecido o melhor lugar da casa e um café, para em seguida se desfiar um bate-papo que parece não ter fim e nem limites temáticos, assuntos particulares da família, causos, violência, ensinamentos, tudo é tratado com naturalidade e sem muita cerimônia, o que torna os rituais de cortesia poucos marcados verbalmente, mas altamente produtivos.

No que diz respeito às normas verbais de polidez impostas pelos níveis horizontais e verticais de distanciamento entre os interlocutores, nas relações interpessoais desse grupo os sinais fáticos e os reguladores de interação são identificados nos dados internos (verbais, paraverbais e não-verbais), por sua característica proxêmica e pela rara presença de lítotes ou eufemismos (procedimentos retóricos que tem a função de suavizar possíveis atos ameaçadores das faces).

2.2. As estratégias de cortesia verbal usadas na entrevista

Como já informado anteriormente, para obter a entrevista precisamos da mediação de um conhecido, o qual não aparece como interlocutor no *corpus*, pois sua participação se

⁹ Um tipo de biscoito feito com a goma extraída da mandioca, misturada com coco e assada na frigideira.

resumiu às negociações que precederam o evento. A entrevista, realizada entre uma documentadora totalmente desconhecida dos interlocutores gira em torno de um tópico conversacional principal, o qual foi acordado previamente, e que ao longo deste *corpus* é mais claramente identificável no intervalo que compreende as linhas 63 até a 123 (ver abaixo). Desta maneira, o que aparecem antes ou depois podem ser considerados como subtópicos do tópico principal, os quais mantem a função estratégica de conduzir ou garantir a produtividade informacional sobre o tópico conversacional principal.

Analisaremos logo abaixo do *corpus* algumas estratégias discursivas de polidez, que consideramos marcar as peculiaridades da cortesia verbal do grupo pesquisado, são elas: os assaltos aos turnos, as estratégias de atenuação de potenciais descortesias e a sobreposição de falas. Nossa limitação, mesmo sabendo da gama de elementos que poderiam aqui ser descritos em função da extensão do *corpus*, se deve ao fato do gênero textual, suporte deste trabalho, estabelecer alguns limites de ordem tipológica e mitológica. Segue o *corpus*:

1. Doc. tá então é::: Socorro comu é teu nome?
2. Inf. 1 é Socorro
3. Doc. Socorro tá/ ai tu és casada com o Zé...
4. [
5. Inf.1 uhum::
6. Doc. há dezoito anos?
7. Inf. 2 não::: mais de dezoito... dezoito nós mora aqui
8. [
9. Inf.1 não
10. Doc. ah tá então vocês moravam on/antes
11. Inf. 2 ()
12. Inf. 1 nós morava lá pru Cristo Reis
13. Inf. 2 tem vinti e quattru tem vinti e quattru anus
14. [
15. Inf.1 achi que foi vinti i quattru anu
16. Doc. ah tá:::
17. [
18. Inf.1 ou foi vinti i três?
19. [
20. Inf.2 não
21. Inf.1 passei três anus sem tê ela ela tem vinti
22. Doc. ah::: tá então há dezoito anus que vocês vieram pra cá?!
23. Inf.2 foi
24. [
25. Doc. como é que é conhecida aqui a vila?
26. Inf.2 é o ramal du::: papuquara
27. [
28. Inf.1 aqui é o ramal santa terezinha já pra cá..
29. [
30. Inf.2 é?
31. [
32. Inf.1 tá nu papel de energia
33. Doc. ah ramal santa terezinha e vocês estão aqui nesta casa há dezoito anus é a primeira casa di vocês?

34. Inf.2 *é*
35. [
36. Inf.1: *é*
37. Doc. *ai tá e quando vocês vieram pra cá vocês/e como foi que vocês chegaram até aqui?*
38. Inf.2 *é porque era da família da...*
39. [
40. Inf.1: *é de herança isso aqui*
41. Doc.: *ah tá então os teus pais já moravam aqui?*
42. Inf.2: *não..*
43. [
44. Info.1 *era da:: minh/ avó ((responde em tom de insegurança)) da minha avó mermo né?!*
45. Doc. *da tua avó?!*
46. [
47. Inf.1. *era*
48. Doc. *e ela já trabalhava com plantação? como é que ela::*
49. Inf.1 *eu acho que sim, mas quantu eu vim prá cá ela já tin/falecidu*
50. [
51. Inf.2 *(não existia mais não)*
52. Doc. *já tinha falecidu?!*
53. [
54. Inf.1 *ãham::*
55. Doc. *ai vocês vieram pra cá e começaram a plantar o quê?*
56. Inf.1 *nós prantemu melancia prantava feção milhu roça*
57. [
58. Inf.2 *(prantemu melancia...)*
59. Doc. *ah tá mas antes de vir pra cá vocês já trabalhavam cum cum plantação?*
60. [
61. Inf.2 *((inaudível)) (...pra São Domingos do Capim)*
62. Inf.1 *uhum:::*
63. Doc. *ah tá e a farinha?*
64. Inf.1. *a farinha a gente bota de moio...*
65. [
66. Doc. *sim?!*
67. Inf.1 *ai raspa... ai rala lá nu motô...*
68. [
69. Doc. *sim*
70. Inf.1 *ai bota na prensa ai seca né o cutupi?! é ai depois penera ai depois vai escaldá e fica mexendo a farinha*
71. Doc. *ah tá: mas mi diz uma coisa como foi que vocês aprenderam? como foi que tu aprendeste a fazer farinha?*
72. [
73. Inf.1 *foi cum meus pai mermu*
74. Doc. *ah:: então tua família já trabalhava...*
75. [
76. Inf.1 *ahã::*
77. Doc. *cum a farinha... e tu começaste a trabalha com a farinha muito jovem? com quantos anos mais ou menos?*
78. Inf.1 *é achu que um ti/uns dez anu a minha mãe já rapava mandioca prus otro*
79. Doc. *já ras/tá mas por exemplo...aqui a casa de farinha é de vocês né?!*
80. [
81. Inf.1 *é::*
82. Doc. *é só de vocês daqui da casa de vocês?!*
83. [
84. Inf.1 *é::*
85. Doc. *lá quando tu moravas cum a tua mãe a casa de farinha era da tua família ou era da comunidade?*
86. Inf.1 *era tudu dus pessoal assim qui pagava a genti pra genti raspa pra elis e fazê a farinha*

87. Doc. ah:: tá então era uma era tipo é privadu assim era de alguém...
88. [é::
89. Inf.1
90. Doc. que pagava vocês pra produzi a farinha?!
91. [uhum::
92. Inf.1
93. Doc. ah tá agora essa casa de farinha daqui só vocês que usam?
94. Inf.1 é só nós
95. Doc. ah tá não...
96. [num tem outras pessoa só nós mermu...
97. Inf.1
98. [outras pessoas outras pessoas da
99. Doc. comunidade...
100. [não [não
101. Inf.1
102. Doc. e como é que é a produção porque eu na verdade já vi algumas casas di
farinha eu vi qui tem um tacho grande né?!
103. Inf.1 isso aqui é um forno né?
104. Inf.2 um tacho como é??
105. Doc. um tacho que é aquela tipo uma uma um caldeirão assim uma...
106. [ah:: ca
107. Inf.2 energia ligadu.
108. Doc. ah:: tá...
109. Inf.1 aquele é a energia é?!
110. [a [inaudível] pra mexer né?!
111. Inf.2
112. Doc. i::ssu...
113. [(inaudível)
114. Inf.2
115. Inf.1 essi não um fornu de ferro mermu
116. Doc.: ah é um fornu é?
117. [é um fornu
118. Inf.1
119. Doc. então vocês rapam e aí vocês colocam no fornu?
120. Inf.1 é vai pra pren:sa
121. Doc. ah antes...depois tu vais mostrar como é que tu fazes?! (um breve silêncio) é
porque tu me explicastes é aí daqui a pouco tu vais me mostrar como é que faz...(risos da
documentadora e da informante I) mais ou menos...e como foi que tu aprendeste? Me fala um
pouquinho de COMO TU APRENDESTES a fazê a farinha
122. Inf.1 é e/aí Não eu aprendi assim mermu qui o pa/ o meu pai fazia né e aí a gente
vai venu e aí vai fazenu
123. Doc. ahã:: e aí foi pegandu a mandioca...
124. [ahã:: aí raspa lava bota no motô fervi aí
125. Inf.1 dá dá/.....du fervá vai pra prensa da prensa quando tá inxutu penera i vai pru fornu
126. Doc. ah tá e cum quantus anus tu começaste a fazê todú essi processu? Porque
logu nu início tu só raspava
127. Inf.1 era... já depois que eu vim morá prá cá eu mermu torru
128. Doc. ah tá que tu viesti fazer todú u processu....
129. [ahã::
130. Inf.1
131. Doc. já depois qui tu tava casada com o Zé
132. [ahã:::
133. Inf.1
134. [é::
135. Inf.2

136. Doc. *ah tá/ i além da produção da farinha vocês trabalham também cum u:::o Francisco me falou cum pimenta do reino.*
137. Inf.1 *é tem uns pé de pimenta du reino*
138. [
139. Inf.2 *eu agora que eu comecei.*
140. Doc. *e o que mais o que mais que vocês??*
141. Inf.1 *urucum:::*
142. [
143. Inf.2 *urucum*

2.2.1. Índice de manutenção de familiaridade: os assaltos aos turnos e a sobreposição de vozes

Não precisa ser tornar um experiente analista da conversação para saber que durante uma interação face a face os assaltos aos turnos são ações comuns entre os interlocutores, bem como, a alternância dos papéis de falante e ouvinte os quais permitem identificar a maneira como os interlocutores atuam na construção do diálogo. Contudo, vale destacar que para algumas culturas essas máximas conversacionais podem vir a gerar atos potencialmente ameaçadores das faces.

No que diz respeito ao paralelismo dos turnos conversacionais, é possível observar uma relação assimétrica entre a Doc, L1 e L2 no que diz respeito à produtividade nos turnos, já que Doc e L1 mantem seus turnos por mais tempo em relação a L2, que durante a entrevista mantem uma participação episódica e fragmentada: como suporte, nos momentos de sobreposição dos turnos da Doc e de L1, ou como contribuições aos turnos da L1 (linhas 20, 30, 34, 38, 51, 58, 60, 111, 114, 135, 139 e 143); o que torna a conversação marcada pela relativa assimetria entre os interlocutores.

No que diz respeito às normas de polidez, já pontuamos anteriormente que o assalto aos turnos conversacionais, indicam, para alguns contexto sociais e culturais, um ato ameaçador às faces, já que como consequência mais negativa se tem a interrupção de um turno, o que pode vir a lesar o território do outro, e assim ameaçar a sua face. É nesse sentido que os atos que tem o objetivo de preservar as faces positivas e negativas consideram algumas regras sociais que dizem respeito aos possíveis distanciamentos que se instauram entre os interlocutores na interação, o que encadeia uma série de negociações para regulação da alternância de falas, que podem ser tanto por meio da concessão do turno por alguém designado para isso (um entrevistador, por exemplo) ou, ainda, as mudanças não negociadas pelos próprios participantes.

No *corpus* temos as duas situações, a concessão e designação dos turnos pela documentadora e, ainda, a não negociação. No entanto, a familiaridade e a proximidade,

próprias das relações horizontais mantidas pela linha previamente negociada, é evidenciada no *corpus* tanto na sobreposição de vozes como, também, nos assaltos aos turnos, o que torna tais eventos princípios gerais da cooperação conversacional no interior dessa interlocução. Nos eventos em que L1 assalta o turno de L2, ou ainda, naquelas em que há a sobreposição de vozes de L1, L2 e da Doc., identificamos o *overlap* como índice de colaboração interacional e não causa qualquer mal-estar entre os interlocutores: L1 e L2 respondem juntos aos questionamentos da Documentadora (linhas 08, 14, 35, 39, 50, 57, 60, 91, 100, 106, 113, 117, 124, 132, 134, 138, 142), ou, respondem ao mesmo tempo em que a pergunta é formulada, demonstrando o engajamento na interação, ou ainda, a familiaridade, e dispensando a necessidade da documentadora concluir suas considerações ou perguntas.

Em outros eventos, podemos notar que a sobreposição de vozes ocorrem por meio de alguns marcadores conversacionais de valor exclusivamente fático (uhum, aham, sim, é, etc), que no contexto do *corpus* indicam que os interlocutores estão sempre atentos, engajados e dispostos a colaborar (linhas 04, 46, 53, 75, 80, 83, 88, 91, 129, 132 e 134). Tanto no primeiro caso em que a sobreposição de vozes marca a colaboração quanto no segundo que se funciona indicando que os interlocutores estão atentos ao elocutário, podemos considerar que ambas indicam índices afetivos de colaboração, o que, por sua vez, funcionam como marcas de sua polidez interacional.

2.2.2. A atenuação de uma ação potencialmente ameaçadora de faces

No que diz respeito às manifestações linguísticas da polidez com caráter neutralizador ou atenuador de possíveis ameaças à face negativa ou positiva dos interlocutores, passamos a pontuar algumas estratégias desta natureza presentes no *corpus*.

Já no início da entrevista (linha 1), a documentadora utiliza uma fórmula socialmente prescrita como parte dos rituais de abertura, ela elabora uma pergunta à L1 chamando-a pelo seu primeiro nome no intuito de que esta informe seu sobrenome, porém, o que ocorre é que L1 responde repetindo somente o primeiro nome (linha 2) e em seguida (linha 3) a documentadora retoma o turno comentando uma informação já prestadas por L1 e L2. A não insistência da documentadora que opta em abandonar o tópico (a informação do sobrenome) pode ser aqui entendida como uma estratégia de preservação da face negativa de L1, pois ao insistir poderia tornar-se invasiva e expor algo que L1 não quisesse que fosse exposto mantendo o seu anonimato. Porém a escolha do novo tópico também nos diz muito, pois a documentadora redireciona o tema para a condição civil de L1 e L2, e seus comentários retratam certo grau de familiaridade com os interlocutores.

Por sua vez, é possível identificar a polidez no uso de estratégias discursivas de atenuação de possíveis constrangimentos causados pelas diferenças no repertório cultural. A produção colaborativa de conhecimento é um procedimento comum ao modo de vida tradicional. Segundo Cunha (2007), a produção de conhecimento advinda das explicações sobre eventos observáveis empiricamente, tornam-se obras abertas, pois a “universalidade do conhecimento científico não se aplica aos saberes tradicionais – muito mais tolerantes – que acolhem frequentemente com igual confiança ou ceticismo explicações divergentes cuja validade entendem seja puramente local” (CUNHA, 2007, p. 78).

Sob esse *modus operandi* de produzir conhecimento, destacamos abaixo a ocorrência de uma estratégia de polidez que converge com a manutenção dessa prática cultural.

Doc. *e como é que é a produção porque eu na verdade já vi algumas casas di farinha eu vi qui tem um tacho grande né?!*
 Inf.1 **isso aqui é um forno né?**
 Inf.2 **um tacho como é??**
 Doc. *um tacho que é aquela tipo uma uma um caldeirão assim uma...*
 []
 Inf.2 *ah:: tá...*
 Doc. *aquele é a energia é?!*
 Inf.1 *a [inaudível] pra mexer né?!*
 []
 Inf.2 *i::ssu...*
 []
 Inf.2 *(inaudível)*
 Inf.1 *essi não um fornu de ferro mermu*
 Doc.: *ah é um fornu é?*
 []
 Inf.1 *é um fornu*

Nessa passagem a documentadora indaga L1 e L2 sobre um equipamento usado na produção da farinha e utiliza uma expressão que não contempla o repertório cultural dos interlocutores, os quais utilizam a indagação devolutiva como estratégia atenuadora de um ato que poderia comprometer a face positiva da documentadora:

Inf.1 **isso aqui é um forno né?**
 Inf.2 **um tacho como é??**
 Doc. *um tacho que é aquela tipo uma uma um caldeirão assim uma...*

E em seguida os três interlocutores passam a estabelecer uma relação colaborativa e lisonjeira em torno da construção de uma explicação sobre a variação no uso de termo para designar objetivos distintos.

Doc. *um tacho que é aquela tipo uma uma um caldeirão assim uma...*

Inf.2 [ah:: ca energia ligadu.
Doc. ah:: tá...
Inf.1 aquele é a energia é?!
Inf.2 [a [inaudível] pra mexer né?!
Doc. i::ssu...
Inf.2 [(inaudível)
Inf.1 essi não um fornu de ferro mermu
Doc.: ah é um fornu é?
Inf.1 [é um fornu

Nesse sentido, o que identificamos é que diante da limitação apresentada pela documentadora, no que diz respeito aos seus conhecimentos sobre os instrumentos usados na produção da farinha de mandioca, L1 e L2 utilizam uma estratégia discursiva que ao corresponsabilizar os interlocutores pela formulação de hipóteses a respeito de uma informação lançada pela documentadora, apruma mantendo a simetria dos repertórios culturais, neutralizando qualquer possibilidade de constrangimentos ou de constituição de uma relação dispare estabelecida pela assimetria na propriedade de conhecimento, o que acaba por apontar a estratégia de polidez de L1 E L2 e, por sua vez, outra marca de cortesia verbal em contexto de interculturalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo, vale ressaltar que a presença de elementos que apontam para a manutenção de uma linha, aqui descrita como intrinsecamente colaborativa e preocupada em manter a proximidade e familiaridade entre os interlocutores, apontam para o uso de estratégias discursivas que reforçam a crença de que há nas comunidades camponesas da Amazônia paraense e, grosso modo, nos indivíduos que mantêm os costumes e os valores herdados de uma ancestralidade ligada ao modo de vida tradicional, um *modus operandi* peculiar em sua maneira de estabelecer as relações interpessoais que em nada se assemelham com o isolamento e o individualismo presentes nas relações comumente identificadas nos centros urbanos.

As estratégias de polidez na interação se misturam aos valores e às práticas sociais mantidas por grupos que fazem da unidade familiar, doméstica ou comunal o termômetro para pautar as relações interpessoais que forjam os parentescos e compadrios, os quais se refletem no exercício das atividades econômicas, sociais e culturais.

Além dos aspectos acima descritos, a partir dos quais pretendíamos demonstrar como a variação cultural está refletida nas estratégias de polidez usadas na interação, acreditamos que outros elementos também merecem especial atenção, o que nos leva a pontuar a despreensão em esgotar o debate e as potencialidades de análise deste *corpus*, e, ainda, a convicção de que há um campo inesgotável de possíveis recortes teóricos no campo da Sociolinguística Interacional e da Análise da Conversação a ser empregado em *corpus* dessa natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRAITH, B. *O processo interacional*. In: PRETI, D. *Análise de Textos Oraís*. – 7ª ed. – São Paulo: Humanitas, 2010, p. 215-244.

BROWN, P.; LEVINSON, S.C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CUNHA, M.C. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. *Revista USP*, São Paulo, n.75, p. 76-84, setembro/novembro 2007. Disponível em: www.usp.br/revistausp/75/08-manuelacarneiro.pdf. Acesso em: 19/02/2016.

DIEGUES, A. C. *O mito moderno da natureza intocada*. – 6ª ed. – São Paulo: Ed. Hucitec, NUPAUB, 2008.

GOFFMAN, E. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Trad. Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola, 1996.

VILLAÇA, I.G.; BENTES, A.C. Aspectos da cortesia na interação face a face. In: PRETI, D. (org.). *Cortesia verbal*. São Paulo: Humanitas, 2008. p. 19 - 48.

Artigo recebido em: 12/01/17

Artigo aceito em: 12/02/17